

# CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 17

"No momento em que prosseguem, de forma teimosa e nem sempre visível, os inúmeros trabalhos de alfabetização por este Brasil afora, e em que o Estado se propõe a uma ação global neste campo de atividade, pretendemos que este Caderno possa alimentar o debate dos educadores populares que buscam, na igualdade do acesso ao saber, a construção da igualdade social."

Pedro Benjamin Garcia

## Coleção: Cadernos de Educação Popular

- Nº 1 - Para Analisar Uma Prática de Educação Popular - Educação Popular. Um Depoimento - Beatriz Costa e Bernard von der Weid
- Nº 2 - Depoimento: Fala um Operário - Equipe do Nova
- Nº 3 - Conversando com os Agentes - Saber Popular/Educação Popular - Aída Bezerra e Pedro Benjamin Garcia
- Nº 4 - Só a Gente Que Vive é Que Sabe - O Que é a Seca - Equipe do Nova
- Nº 5 - Movimento dos Trabalhadores. Um Debate - Equipe do Nova
- Nº 6 - Do Fruto à Raiz - Zeca Tiago
- Nº 7 - Saúde e Educação Popular - Equipe do Nova
- Nº 8 - Alfabetização de Adultos - Equipe do Nova
- Nº 9 - O Trabalhador e a Produção Hoje - Equipe do Nova
- Nº 10 - MEB: Uma História de Muitos - Maria Aída B. Costa, Vera Jaccoud e Beatriz Costa
- Nº 11 - Agora o Mundo Não é Só o Nosso Lugar - Gustavo Lyra
- Nº 12 - Por Que as Crianças Não Gostam da Escola? - Luísa Castiglioni Lara
- Nº 13 - Educação Popular em Debate - Vários Autores
- Nº 14 - África Atual: Três Histórias, Várias Questões - João Bosco Feres, Valdir Carlos Sarapu e Irene Loewenstein
- Nº 15 - Produção Associada: Pensares Diversos - Beatriz Costa, Ivandro da Costa Sales, Carlúcio Castanha e Francisco Lara
- Nº 16 - A Quem Pertence a Informação? - Washington Novaes
- Nº 17 - Alfabetização de Adultos na América Latina - Vários Autores



*Nova*

ISBN 85.326.0398-X

# CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 17

## Alfabetização de adultos na América Latina

ROSA MARIA TORRES  
HELENA LEWIN  
MARILDES MARINHO MIRANDA  
GERMÁN MARIÑO  
JOSÉ CARLOS e VERA BARRETO  
NIETTA MONTE  
ROSA MARIA TORRES



*Nova*

# Sobre os conteúdos das cartilhas de alfabetização

Germán Mariño\*

De vez em quando é preciso fazer uma pausa, contemplar-se sem a fricção cotidiana, examinar o passado rubrica por rubrica, etapa por etapa, laje por laje e não chorar as mentiras, mas cantar as verdades!

Mario Benedetti

... Quer dizer, o emprego de um método explicativo completamente diferente quando se trata de prestar conta dos próprios erros em relação ao método aplicado quando se trata dos do outro. No caso do outro aplicaremos o "essencialismo": o que aconteceu é uma manifestação de seu ser mais profundo; no nosso caso, aplicamos o "circunstancialismo" ... O ser assim; me vi obrigado ... Preferimos que nossa causa seja julgada pelos propósitos e a do outro pelos resultados ...

Estanislao Zuleta

(O Elogio da Dificuldade)

A alfabetização de adultos reclama para si, como um de seus axiomas vitais, a politização dos adultos. E isso é bom. Sem dúvida continuar ensinando a ler com orações como as das cartilhas da Rádio Sutatenza (Eulalia le leia a Leal-la

\* Este texto, do educador colombiano Germán Mariño, foi apresentado, originalmente, no "Encontro sobre o novo conceito de leitura", realizado em **Dimensión Educativa**, em maio de 1988. No ano seguinte o autor o utilizou como IX Capítulo do seu livro **Escritos sobre escritura**, editado por Dimensión Educativa (Bogotá, Colômbia), de onde o traduzimos para este "Caderno".

ola-El Oleo)\*\*, é evitar a análise da realidade a favor da perpetuação da ideologização.

No entanto, temos sido simplistas. García Márquez comentava que não militou nos grupos de esquerda porque era proibido aos militantes ter namorada. E era verdade: a política tomava tudo. Era uma religião. Impugnava a vida e os bens materiais, elevando a princípio supremo a realização da meta. Tinha-se de rejeitar o mundano e trabalhar incansavelmente por ideais altruístas. Assim como as freiras manifestam seu amor por Jesus Cristo casando-se com ele, os revolucionários se casavam com a política.

As décadas de ascetismo abnegado (que não raro culminavam no sacrifício – Eskilebeck, teólogo inglês, diz que Jesus provou ser a expressão máxima do amor ao dar a vida pelos outros) foram analisadas por muitos, com cuidado, e aos poucos diversos grupos de esquerda, sem desprezar o valor inegável da entrega total à construção de uma sociedade nova, começaram a redimensioná-lo. A política continua sendo muito importante, mas é apenas uma faceta da vida. Não é à toa que Jaime Bateman (um dos fundadores do M-19) dizia numa entrevista à revista **Semana**:

"É preciso dançar, irmão, porque quem não dança está morto e os mortos não podem aspirar a construir a vida".

Todas essas amarras vêm se refletindo nos programas de alfabetização. Basta ver os conteúdos de uma cartilha para nos darmos conta de que novamente o político engloba tudo. Aspectos como o cultural e o afetivo não têm espaço (quando muito se inclui uma lição "cultural", que não representa nem 10% do total e, além do mais, com uma concepção carregada de traços folcloristas, como se cultura consistisse apenas do "antigo e do artístico"). E não só é unidimensional, como também exclui o cotidiano, a vida comum e corrente, onde não só há tempo (e necessidade) para lutar e trabalhar, como para rir, namorar, "perder" tempo recordando o passado e sonhando com o futuro, para as festas de 15 anos e batizados dos recém-nascidos.

**E assim as cartilhas são feitas para "dar uma lição", sectárias e pesadas, que entediam e esclerosam tanto como antes o ter que aprender de cor o catecismo do Padre Astete, desterrando os já pouquíssimos adultos que se aventuram a matricular-se nas turmas de alfabetização.**

\*\* Mantivemos o texto original que, traduzido, perderia o sentido crítico que o autor quis dar às cartilhas que menciona. Em português corresponderia a "Ivo viu a uva" ou algo análogo.

Mais uma vez, são os “educadores de marca maior” os que se encarregam de negociar com os materiais de consumo de massa, os que vêm dar exemplos de sensibilidade aos educadores populares. É o caso das fotonovelas.

O que é uma fotonovela? Em primeiro lugar, é um material feito numa linguagem de imagens. Os textos de uma fotonovela de 20 páginas bem poderiam caber todos em duas. É uma escritura basicamente fotográfica. Mas tem mais. A fotonovela trabalha sobre a temática do amor (e conseqüentemente também do desamor). Temática essa que só a Regina Once, uma “bruxa” tão esotérica como humana, ocorreu incluir entre seus lemas para a presidência da República (Saúde, Dinheiro e Amor). Nenhum outro candidato o menciona; talvez porque o amor seja pouco sério.

Mas pensemos – aplicando o princípio apontado por Estanislao Zuleta da reciprocidade lógica – se para alguns de nós o amor é uma problemática de segunda. É, ao contrário, um dos eixos da vida, não se encontra presente em cartilhas de alfabetização (nem de pós-alfabetização). Ah! mas as fotonovelas sim, o trabalham obsessivamente. Elas, que desprezamos tanto, que nem sequer nos damos o trabalho de analisar. Se o fizéssemos, utilizando com Roland Barthes a análise estrutural da narrativa<sup>1</sup>, veríamos que se desenvolvem com estruturas muito simples, talvez tão simples como as dos contos infantis (explicitadas no já clássico trabalho de Vladimir Propp, que consegue “reduzi-las” a 31 funções). As fotonovelas são simples e, como diria Humberto Eco<sup>2</sup>, se assemelham aos contos infantis pelo fato de possuírem uma mensagem iterativa (sempre se repetem), com combinações distintas, mas com resultados semelhantes. E sabendo como vão terminar, amplos segmentos dos setores populares as devoram (como fazem todos com os filmes de James Bond ou com as telenovelas).

Agora, por que existe esse prazer no iterativo, na redundância? Por preguiça de ler? Por evasão da realidade? A resposta, pensamos, não é tão simples. Os trabalhos de Martín Barbero nos ajudam a esboçar uma resposta adequada.

“O melodrama gira em torno do reconhecimento; é a busca de uma identidade perdida. O melodrama evoca a mãe, a mulher amada ... os conflitos universais (pais/filhos, patrão/empregado, esposas/esposos).

Desse modo, o melodrama torna cotidiano o meio social, concilia o tempo histórico com o tempo de vida cotidiana através desse outro tempo: o tempo familiar, o tempo onde a guerra não é guerra, mas a guerra em que morreu o tio fulano”.<sup>3</sup>

O melodrama é pois um repensar os conflitos universais, a luta entre o bem e o mal, a luta entre o egoísmo e a solidariedade, entre a solidão e a proteção. É uma fotonovela é isso. É o espaço onde repenso meus problemas amorosos, onde supero meus medos e, também, o que tem de mal, compenso minhas frustrações, me defendo da realidade, não necessariamente para fugir esqui-

zofrenicamente dela, mas para obter forças para continuar (vale lembrar que continuar atribuindo à mensagem o papel de alienadora somente pelo conteúdo em si é esquecer que não existem receptores, porém “perceptores”, isto é, que ninguém “engole inteiro”, mas que tudo recebe novos significados). As crianças pedem para ouvir uma infinidade de vezes a história dos pais que abandonam os filhos (Hansel e Gretel), por exemplo, porque sentem angústia da mesma coisa poder acontecer com elas; quando vão vencendo o medo, desistem dos pedidos. Se um adulto sofreu uma decepção amorosa, com certeza “lhe faz muito bem” ler fotonovelas onde contam histórias em que pessoas como ele, mais cedo que tarde, conseguem encontrar um amor sincero.

**Se tomamos a fotonovela como um ponto de referência para fazer avançar a análise de conteúdos, teremos, então, critérios mais amplos; certamente, não só deixaremos de nos preocupar com que os textos de alfabetização tenham sempre uma moral (o excesso de didática é o que faz com que no lugar de literatura para adultos acabemos fazendo catecismo), como também daremos novo valor à escritura “fotográfica”, e incluíamos em nossa temática um homem de múltiplas facetas.**

Sem dúvida que a “releitura” da fotonovela não significa fazer dela uma apologia cega. Os temas afetivos podem ser abordados de diversas maneiras. As fotonovelas – onde uma faixa importante (atualmente cada vez menos) tem sido trabalhada quase pornograficamente, não são exemplo de qualidade literária (nem de profundidade de análise, que lhe é concomitante). Seus roteiros são pobres e a manipulação da imagem é este: estereotipada.

Também não estamos advogando a despolitização da educação, reivindicação completamente absurda, pois não existe a neutralidade de valor. Estamos é insistindo na politização da vida cotidiana. Agnes Heller nos diz:

“A vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do suceder histórico; é a verdadeira essência da substância social ...

Todo grande feito histórico se torna particular e histórico precisamente por seu efeito no cotidiano. Aquele que assimila o cotidiano de sua época, assimila com ele o passado da humanidade, ainda que não esteja consciente ...

O adulto há de dominar a manipulação toda das coisas. Há de aprender a segurar o copo, a usar uma faca, para citar apenas exemplos muito simples.

Mas logo eles revelam que a assimilação da manipulação das coisas implica a assimilação das relações sociais ..."<sup>4</sup>

No cotidiano se expressam "o passado da humanidade", "as relações sociais". Subverter o cotidiano é, então, fazer política (a verdadeira política, acreditamos, pelo menos no que diz respeito ao específico – e possível – a partir de um projeto educativo).

O cotidiano deveria ser a matéria-prima da educação popular; obviamente, não para contemplá-lo, mas para objetivá-lo. Lukács, no capítulo introdutório de sua estética, dizia:

"As formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem objeções duradouras são a arte e a ciência".<sup>5</sup>

Através da ciência e da arte deveríamos objetivar o cotidiano num sentido que possui pontos tangenciais em relação ao paradigma freiriano da conscientização. De maneira nenhuma, então, tratar-se-ia de ficarmos imersos no cotidiano, mas sim de tomar distância, de relê-lo. O problema da conscientização não foi tanto, como se afirma, o fato de se ter desligado da ação, mas o não ter trabalhado sobre o cotidiano, intuição que se chega a perceber nas obras do jovem Freire, mas que logo se desvanecem ao reduzir o universo vocabular e problemático ao das contradições econômicas e políticas da comunidade vistas da ótica (científica) do educador. A tarefa não consistiu, afinal, da leitura científica do cotidiano, mas da transmissão do materialismo histórico em fascículos. E houve um agravante: se quis por força (pelo menos teoricamente, porque nas experiências a coisa foi bem diferente), dar um importância permanente à ação, sem a compreensão total de que a transformação da consciência implica por si mesma numa ação (talvez no sentido de uma prática teórica, sem dúvida, também desprestigiada) tão relevante e complexa como a ação "exterior", que de modo algum se ignora, mas que era necessário deixar de ver como a única prática e que não pode continuar sendo o objeto central dos programas de alfabetização popular, sem risco de se voltar a cair no utopismo pedagógico. A ação "exterior", na realidade, sempre se encontra subordinada a circunstâncias complexas, que vão desde a conjuntura política, passando pelo desenvolvimento das organizações populares, até os recursos financeiros da comunidade e do Estado. Por isso, é pelo menos simplista pretender, não só depois de cada sessão de alfabetização, mas mesmo depois do ciclo completo, que como resultado do diálogo decodificador surja um plano para fazer avançar uma ação, abstraindo-se o fato de que as ações implicam tempos históricos.

Para terminar, gostaríamos de acrescentar que o que foi dito até aqui a propósito da alfabetização, pode bem ser extrapolado a vastos setores da Educação de Adultos. Estamos conscientes de que o que foi afirmado soa muito duro, em alguns momentos parece iconoclasta; no entanto, mais do que construir posições intransigentes, o que queremos é provocar o debate entre os educadores populares.

## Notas

1. Roland Barthes. Introducción al análisis estructural del relato. Editorial Comunicaciones. Bogotá, p. 9.
2. Humberto Eco. Apocalípticos e integrados. Editorial Emeté, p. 279.
3. Martín Barbero. Televisión, melodrama y vida cotidiana. Signos y pensamientos. Pontificia Universidad Javeriana. Revista de la Facultad de Comunicación Social, nº 11, p. 59.
4. Agnes Heller. Historia y Vida cotidiana (aportaciones a la sociología socialista). Editorial Enlace/Grijalbo, p. 42.
5. Idem, p. 45.